



» Com menos de duas semanas de chuva a cidade já apresenta diversos pontos críticos

ROBERTA CERQUEIRA / ELIELSON BARSAN
Repórteres

Menos de duas semanas de chuva foram suficientes para destruir o asfalto de várias áreas de Salvador. Antigos buracos foram reabertos e novos se formaram em importantes vias da cidade, a exemplo das ruas Luiz Maria e Regis Pacheco, na Baixa do Fiscal – principal ligação entre o centro da cidade e o subúrbio ferroviário – que recentemente passaram por intervenções. As deformações já tomaram as pistas, nos dois sentidos e são causas frequentes de engarrafamentos e acidentes de trânsito.

“Não tem para onde correr”, diz o motorista José Bispo dos Santos, 68 anos, que todos os dias enfrenta a burocracia, fazendo carreto para os clientes de um supermercado da região. Em duas semanas, Santos já gastou mais de R\$ 500, com reparos do veículo. “Toda vez que vou a uma oficina tenho que gastar de R\$ 50 a R\$150, mas, não tem outro jeito, pois o carro é a minha ferramenta de trabalho”, lamenta.

Em razão das “crateras”, os motoristas são obrigados a reduzir a velocidade para não causar acidentes na via, o que acaba provocando lentidão no trânsito, nos dois sentidos – centro e subúrbio – todos os dias. Se aos motoristas é preciso uma dose extra de cuidado e paciên-

cia, para os pedestres a situação é ainda mais complicada. “Saio com dois sapatos, um para andar na chuva e o outro levo na bolsa, para calçar quando chegar ao trabalho”, conta a professora Marivalda da Silva Moraes, 48, com os pés mergulhados na lama.

Em diversos pontos da cidade é possível encontrar funcionários da prefeitura trabalhando para minimizar os efeitos da chuva, como na Avenida San Martin, onde, ontem, homens da Superintendência de Conservação e Obras Públicas (Sucop) desentupiam bocas de lobo, para facilitar o escoamento da água. Mas, para o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA-BA), antes que a chuva caia e provoque os recorrentes alagamentos em diversos trechos da capital baiana, é necessário existir uma política de prevenção. “A correção dos problemas é muito mais complexa e onerosa. Os locais que apresentam deficiências em suas estruturas devem estar prontos para receber as chuvas –, fenômeno que é inevitável”, opina o engenheiro Giesi Nascimento Filho, chefe de gabinete do CREA-BA.

Nos casos em que as correções são a única saída, Nascimento ressalta a importância da manutenção. “Uma das maiores causas de alagamentos é o entupimento das bocas-de-lobo, provocado pelo acúmulo de lixo.

Contudo, os órgãos responsáveis precisam dar uma constante assistência a esses equipamentos, a exemplo da limpeza periódica. Não adianta fazer a obra e largar ao deus-dará, ou então, agir quando o problema já se apresentou. É preciso evitar que eles apareçam”, argumenta.

Segundo a Secretaria de Transportes e Infraestrutura (Setin), a Prefeitura vem trabalhando desde o ano passado na contenção de encostas, obras de macro e micro drenagem, periódica limpeza e desobstrução de canais, e recuperação da pavimentação asfáltica. Alguns projetos em andamento, a exemplo da macro drenagem do Imbuí e o canal ACM/Itaigara, de acordo com a Secretaria, prometem acabar com os alagamentos. “As obras em andamento têm caráter ao mesmo tempo corretivo e preventivo, pois foram projetadas para resolver definitivamente os problemas de alagamento e deslizamento de terra”, diz o órgão.

Por outro lado, os buracos parecem multiplicar-se dia a dia. Na Sete Portas, um buraco localizado em frente a uma oficina, no sentido Rótula do Abacaxi, já causou diversos acidentes. “Só essa semana eu vi duas motos caírem. Em um dos acidentes o motorista foi projetado para mais de dois metros de distância”, relata o mecânico Urbano Eugênio de Jesus Filho, 40, temendo uma tragédia.